

ENTRETENIMENTO E EMPODERAMENTO FEMININO: uma análise da contribuição para o feminismo do programa “*Amor e Sexo*”¹

Mayara Lourdes de Aguiar Azevedo SILVA²

Narjara Larissa Modesto FERRADAES³

Rita Maria Costa SOARES⁴

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o tratamento dado ao feminismo em um programa de massa. Para isso fizemos um estudo do programa “*Amor e Sexo*”, mas especificamente o episódio exibido em 26 de janeiro de 2017, que teve como tema “Mulher” e abordou questões do feminismo. Para a realização da análise usamos como base a metodologia Análise do Conteúdo, e no desenvolvimento do trabalho utilizamos livros que tem suas obras relacionadas ao feminismo, utilizamos obras da Rebecca Solnit, Simone de Beauvoir, Chimamanda Ngozi Adichie e outros autores com obras relacionadas ao tema. Buscamos compreender de que forma um programa semanal que é destinado ao entretenimento e que trata de seus temas com bom humor pode contribuir para o feminismo.

PALAVRAS-CHAVE: “*Amor e Sexo*”; feminismos; empoderamento; análise de conteúdo.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o primeiro grande avanço da luta de mulheres foi a conquista do direito ao voto no ano de 1932⁵, tendo como primeira eleitora Celina Guimarães Viana em 1933. Até então, elas eram responsáveis pelo cuidado com a casa, marido, filhos e com pouca

¹ Artigo apresentado como requisito para obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, orientado pela Professora Me. Rita Soares.

² Aluna do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade Estácio Pará. E-mail: mayara_azevedoo@hotmail.com

³ Aluna do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Faculdade Estácio Pará. E-mail: narjara-ferradaes@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade), Mestre em Ciências Políticas pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Políticas, da UFPA. ritamcssoares@gmail.com

⁵ O dia 24 de fevereiro de 1932 foi um marco na história da mulher brasileira. No código eleitoral provisório (Decreto 21.076), durante o governo de Getúlio Vargas, o voto feminino no Brasil foi assegurado, após intensa campanha nacional pelo direito das mulheres ao voto.

oportunidade de estudo, ou seja, a perspectiva de um futuro profissional não existia. Passavam a vida limitada com suas posições de submissão na sociedade, essa que era empregada pelo machismo da época que a julgava incapaz de votar.

Há quem diga que o feminismo surgiu nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1960 e teve sua primeira onda no século XIX, seguido de duas ondas com a mais famosa na década de 1990. No final do século XIX e início do século XX, as mulheres conquistaram alguns direitos, assim como o poder de voto.

Hoje com as manifestações são realizadas para que as mulheres possam estar cientes de seus direitos e deveres e assim ganharem espaço na sociedade com igualdade de gênero e sem preconceito como o sexo frágil, por exemplo.

[...] indivíduos, homens e mulheres, são historicamente corporificados, pessoas concretas cuja perspectiva é uma consequência daquilo que são, assim, em uma sociedade dividida pelo gênero, as mulheres verão e conhecerão de modo diferente dos homens. O caráter social do gênero dá a elas uma perspectiva diferente e o lugar onde estão – suas atividades dentro do mundo e a forma como são consideradas em uma sociedade estratificada pelo gênero – fará delas praticantes de um tipo diferente de ciência (FARGANIS, 1997, p. 227).

Farganis (1997) fala da diferença que existe entre homem e mulher perante a sociedade machista e patriarcal, que mulheres são diferentes socialmente, fisicamente e intelectualmente dos homens e isso as faz incapazes de estar em diversas áreas da sociedade segundo o machismo que cerca o mundo. As mulheres inconformadas com a vida que eram submetidas tiveram várias de lutas e conquistas para tornar a sociedade mais igualitária para homens e mulheres.

No livro “*Sejamos Todos Feminista*”, a autora Chimamanda Ngozi Adichie (2015) conta que resolveu escrever esse livro sobre feminismo, devido a um amigo de infância, Okoloma ter lhe chamado de feminista. Ela logo percebeu pelo tom da voz dele que não se tratava de um elogio, Chimamanda não sabia o significado da palavra e não deixou perceber, porém quando chegou a sua casa a primeira coisa a fazer foi procurar no dicionário o que seria a palavra feminista. Ao descobrir seu significado se identificou, abraçou o termo e começou a escrever sobre o assunto e então se intitulou feminista feliz e africana que não odeia homens e que gosta de usar batom e salto alto para si mesma e não para os homens.

Chimamanda Ngzio Adichie (2015) fala que:

tem gente que diz que mulher é subordinada ao homem porque isso faz parte

da nossa cultura. Mas a cultura está sempre em transformação. A cultura não faz as pessoas e sim as pessoas fazem a cultura para que através dela cada um possa viver da melhor maneira e ter seus direitos e deveres respeitados (ADICHIE, 2015, p. 47).

A afirmação de Chimamanda (2015) que as pessoas fazem a cultura se mostra quando percebemos que o feminismo é um assunto cada vez mais abordado em rodas de conversas, debates e palestras, e isso mostra que a sociedade vem evoluindo em relação ao tema, fazendo com que a cultura da mulher subordinada seja desfeita. Mas isso não significa que esteja tudo se resolvendo. Ainda falta muito a ser feito como políticas públicas com leis favorecendo as mulheres.

E este trabalho se propõe a analisar de que forma temas ligado ao feminismo são tratados em programas de entretenimento para o público de massa. Para isso, escolhemos como objeto de análise o Programa “*Amor e Sexo*” exibido pela Rede Globo e apresentado pela ex-modelo, atriz e atualmente apresentadora Fernanda Lima. O programa analisado foi ao ar no dia 26 de janeiro de 2017. Essa edição teve como tema empoderamento feminino, o qual acredita na igualdade entre homens e mulheres.

O objetivo desta pesquisa é analisar de que forma o feminismo, seus princípios e consequências foram tratados em um programa de entretenimento para a mídia de massa.

O programa falou de feminismo de forma descontraída e os debates e esclarecimentos em torno do assunto abordado foram esclarecidos pela apresentadora Fernanda Lima, juntamente com os jurados e a bancada fixa que foi composta pela atriz e humorista Mariana Santos, pelo ator José Loreto, pela escritora Regina Lins, o ator e apresentador Otaviano Costa, o humorista Eduardo Sterblitch e o estilista Dudu Bertolini⁶ e de seus convidados especiais. As cantoras Karol Conka e Gaby Amarantos⁷ a pesquisadora Djamila Ribeiro, a roteirista Antônia Peregrino. Elza Soares foi a cantora e homenageada especial do programa.

Buscamos entender de que forma um programa destinado ao entretenimento aborda as questões de gênero tratadas pelas feministas. Segundo Solnit (2017, p. 12):

o feminismo é um movimento maravilhosamente transformador. Ela ressalta que tem enorme admiração por essa geração franca, destemida de feministas e ativistas dos direitos humanos. É enorme também seu medo da reação que, por si só indica a ameaça que o feminismo, como parte de um projeto mais amplo de libertação, impõe ao patriarcado e ao *status quo*.

⁶ Dudu Bertolini, estilista curinga do mundo da moda, personalidade impar e consultor fashion da Rede Globo.

⁷ Gabriela Amaral dos Santos, mais conhecida como Gaby Amarantos, cantora, compositora brasileira de pop, tecnobrega e MPB.

Solnit (2017) esclarece em seu livro que tem orgulho dos movimentos feministas e diz estar ciente que o feminismo precisa estar em evidência.

Estando presente em debates e políticas públicas faz com que chame a atenção da sociedade de modo geral, onde mulheres sejam elas brancas, negras, ricas ou pobres tenham uma vida digna com leis que as amparem com homens que as respeitem com o mercado de trabalho que as contratem por sua capacidade sem limitá-las a cargos menos importantes pelo fato de serem do sexo feminino.

O estudo irá contribuir para o debate sobre o Feminismo, o interesse pelo tema foi o fato de sermos mulheres e sofrermos as consequências de viver em uma sociedade machista e patriarcal. A escolha do objeto “*Amor e Sexo*” se deu em razão da curiosidade pra sabermos de que forma o tema dessa complexidade seria tratado no programa exibido em uma emissora de massa, e um programa com viés claramente de entretenimento. Com isso resolvemos analisar uma edição do programa, a forma de expressão, o alcance do programa perante a sociedade, se de alguma forma ajuda na luta das mulheres pela igualdade de gênero e se tratar de Feminismo em grande mídia é visto de forma positiva pela sociedade.

Para a realização deste trabalho será feito um estudo do Programa “*Amor e Sexo*” exibido pela Rede Globo no dia 26 de janeiro de 2017. Para absorver todas as abordagens do programa o trabalho será dividido em duas partes, sendo a primeira feita uma Pesquisa Bibliográfica sobre o Feminismo na Mídia, por meio de livros, sites específicos para obter informações importantes e enriquecer a pesquisa com dados relevantes e a segunda a ser tratada em análise do conteúdo.

A análise do conteúdo é a investigação de significados utilizando várias técnicas de pesquisa para se obter dados qualitativos, é uma técnica complexa e de difícil entendimento por parte de iniciantes. E agrega uma diversidade de conhecimentos e conclusões.

Ela terá um bom resultado se estudada profundamente e tiver um apoio teórico de tudo o que está se pesquisando, tendo os dois em sincronismo terá o resultado esperado.

Para Bardin (2002, p. 42),

a análise de conteúdo constitui “um conjunto de técnicas de análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para atender o objetivo desse trabalho utilizamos essa metodologia aplicada a uma edição específica do programa “*Amor e Sexo*” que foi exibido pela rede Globo no dia 26 de janeiro de 2017, com o objetivo de analisar como um programa de massa destinado ao entretenimento trata questões do feminismo. Para isso fizemos um estudo do programa e posteriormente pesquisas em livros de autores ligados ao tema para então poder fazer as análises e conclusões do mesmo.

A análise é importante para pesquisas acadêmicas, já que o trabalho contém dados e fatos de um tema que ganha cada vez mais visibilidade na sociedade em geral e é um assunto que atualmente está sendo discutido na academia.

2 LUTAS DIFERENTES E OBJETIVOS IGUAIS

O objeto deste estudo será de analisar dentro da metodologia análise do conteúdo o primeiro Programa “*Amor e Sexo*” da sua décima temporada dividido em dois blocos vamos verificar as falas, as músicas a utilização de palavras como: empoderamento feminino, violência contra mulher, igualdade de direitos e sexualidade, igualdade de gênero ou expressões equivalentes, diz que quando se fala de mulher é necessário saber de qual mulher está se falando, enquanto a mulher branca luta para garantir sua libertação sexual a mulher negra luta contra a hipersexualização do seu corpo.

Negras têm necessidades peculiares que vem sendo vivido ao longo dos anos de racismo no Brasil. Nos anos de escravidão sempre foram vistas como subordinadas as mulheres brancas e servas dos senhores donos de escravos, inclusive sexualmente falando. Enquanto as brancas buscam igualdade de gênero, negras lutam por sua igualdade perante a sociedade em geral. Lutam para ter igualdade de gêneros e igualdade racial.

Segundo Alberto Dines (1996/1997, p. 46),

pré+conceito, o preconceptu latino, é um julgamento prévio, sem ouvir as partes, posição irrefletida, pré+concebida, irracional. Também pode ser entendido como um pré+juízo, tanto que em espanhol se diz prejuízo, em francês, é prejudé, em inglês, prejudice, e, em alemão, vorurteil. Em todos os casos, a mecânica etimológica é idêntica: o prefixo indicando antecipação e, o resto, significando julgamento [...] Em português, o preconceito também significa dano, estrago, perda. Em outras palavras, a adoção sumária de uma opinião ou critério, antes de passar pelo filtro de um julgamento equânime, constitui um mal, ofensa moral.

Alberto Dines (1996/1997) diz que preconceito é o julgamento prévio sem ouvir as partes, e esse pensamento cria conexões com a situação que as mulheres negras são enquadradas e que lutam para alcançar a igualdade. Além de serem julgadas pelo machismo por serem mulheres, são julgadas também por serem negras, ou seja, são discriminadas por homens e mulheres

Figura 1 – Desigualdade da mulher negra



Fonte: (MONOGRAFIAS BRASIL ESCOLA, 2016)⁸.

⁸ Disponível em <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/sociologia/oassistente-social-frente-as-politicas-publicas-para-as-mulheres-negras.htm>>

3 O PROGRAMA

Transmitido pela Rede Globo desde 28 de agosto de 2009, apresentado por Fernanda Lima, “*Amor e Sexo*” é um programa de auditório semanal exibido nas noites de quinta-feira. Sua banda dá clima ao programa com músicas de todas as épocas e gêneros relacionados ao assunto sexualidade além de quadros e reportagens. Conta com uma plateia eclética de aproximadamente 400 pessoas. No início o programa ia ao ar às sextas-feiras logo após o programa Globo Repórter, atualmente está em sua décima temporada.

Foram apresentadas no programa, danças, músicas e performances de forma descontraída misturando entretenimento e feminismo para levantar debates como: mulher ter voz ativa na sociedade, que mulher pode ser independente, pode usar e fazer o que quiser da vida sem que seja discriminada pelo fato de ser mulher.

O episódio analisado fez parte da décima temporada que foi ao ar no dia 26 de janeiro de 2017 na noite de quinta – feira. “*Amor e Sexo*” é um programa de auditório com apresentação de Fernanda Lima, com direção de Ricardo Waddington e roteiro de Rafael Dragaud com duração de aproximadamente 45 minutos divididos em dois blocos. Segundo o site O Globo, o gênero⁹ do programa é o sexo e seu formato de auditório. Segundo o diretor o programa tem o objetivo de entreter e falar sobre sexualidade e relacionamento. Ainda segundo ele a atração só tem uma regra, que vale tanto para os convidados quanto para o público participante: falar abertamente sobre os assuntos em pauta. Acompanhada por bailarinas do programa que usavam roupas sensuais e simularam a simbólica “queima de sutiãs” tirando e jogando seus sutiãs em um barril com fogo, Fernanda Lima interpretava a música que representava o assunto do dia. Assim como sua roupa, os musicais de abertura ganharam uma produção caprichada (REDE ..., 2017).

“*Amor e Sexo*” conta com uma bancada fixa composta por, Mariana Santos, Dudu Bertolini, Eduardo Sterblitch, Otaviano Costa, José Loreto e Regina Lins e por convidados que a cada semana são selecionados de acordo com o tema abordado.

Segundo Pedro (2010, p. 10),

as relações de gênero presentes no patriarcado pressupõem que o órgão sexual determina as funções sociais. Dessa forma, a sociedade constrói uma identidade social, que é construída através dos distintos papéis que são atribuídos a homens e mulheres.

⁹ O programa Amor e Sexo tem seu formato de auditório, seu gênero é o sexo e conta com uma duração de 45 minutos seu idioma é o Português.

A afirmativa de Pedro reforça que durante muito tempo a mulher foi representada na sociedade como um sexo frágil, submissa e com um único papel – reprodução.

3.1 Feminismo no “*Amor e Sexo*”

No programa analisado a apresentadora Fernanda Lima, bailarinas e seus convidados usaram várias ferramentas para representar as lutas das feministas. Durante a simbólica queima de sutiãs e algumas de suas frases foram: “eu não mereço ser estuprada”¹⁰, “eu não preciso vestir 36”, “a minha roupa não é um convite pra você”, “eu sou mulher e meu lugar é onde eu quiser”, “não sou obrigada a usar sutiã”, “pelo direito de ser gostosa”, “mulher preta não é só sexo”, e “meu nome não é psi”¹¹.

Quando é dito que a mulher não precisa usar ‘36’, podemos analisar que a apresentadora do programa tem esse perfil magro, e que vestir “36” não é um problema nem solução, a mensagem passada é que mulher não é obrigada a ser magra ou gorda. O que se faz necessário é não se sentir obrigada a seguir um padrão, o importante é se sentir bem e ser feliz com o tipo de corpo que tem, assim como ter o cabelo e roupas que preferir.

Figura 2 – Abertura do programa “*Amor e Sexo*” com o título “Simbólica queima de sutiãs”



Fonte: Programa Amor e Sexo¹²

¹⁰ A hashtag “eu não mereço ser estuprada”, foi criada por uma brasileira, jornalista chamada Nana Queiroz que já conta com mais de 44 mil adesões em um evento criado no facebook. A manifestação foi criada no dia 27 de fevereiro de 2014, quando o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgou uma pesquisa que mostra que 65,1% dos brasileiros concordam, total ou parcialmente, que mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” (BRASILIENSE, 2014).

¹¹ REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Amor e sexo. **Simbólica queima de sutiãs**. Rio de Janeiro: Globo play, 26 jan. 2017

¹² REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Amor e sexo. **Simbólica queima de sutiãs**. Rio de Janeiro: Globo play, 26 jan. 2017

No Brasil o feminismo é um assunto cada vez mais abordado nas mídias de massa. Contudo, apesar das inúmeras conquistas das mulheres no mundo, o Brasil ainda enfrenta o desafio de garantir direitos iguais entre os gêneros.

Para Beauvoir (2016a, p. 17), “ora, a mulher sempre foi, se não a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam um mundo em igualdade de condições, e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um passado Handicap”¹³.

[...] Simone não dispunha do termo gênero, mas ela conceituou gênero. Mostrou que ninguém nasce mulher, mas se torna mulher e, por conseguinte ninguém nasce homem mas se torna homem, ou seja: ela mostrou que ser homem ou ser mulher consiste numa aprendizagem. As pessoas aprendem a se conduzir como homem ou como mulher de acordo com a socialização que receberam, não necessariamente de acordo com o seu sexo (SAFFIOTI, 2000, p. 23).

Castells (1990, p. 199), “afirma que o movimento feminista é composto pelo entrelaçamento de indivíduos, organizações e campanhas atuando em rede e é esse tipo de atuação que o torna vital, flexível e diversificado”.

O "*Amor e Sexo*" fez exatamente o que Castells (1990) julga ser o movimento feminista, uniu mulheres, homens, especialista e atuantes na luta para discutir abordagens importantes ao movimento feminista.

3.2 Desafios do feminismo

O feminismo tem característica própria e peculiar, e isso deve ser levado em consideração por quem estiver interessado em sua história e processo. As sufragistas brasileiras tiveram como líder Bertha Lutz¹⁴, bióloga e cientista que após uma temporada no exterior voltou para o Brasil e deu início a luta pelo voto.

Beauvoir (2016a, 2016b), afirma que feminismo é um movimento social e político que tem como objetivo conquistar o acesso a direitos iguais entre homens e mulheres e que existe

¹³ O termo **handicap** é um termo inglês que significa vantagem ou desvantagem, ou o ato de dar vantagem ou desvantagem. Pode também significar obstáculo, ou incapacidade.

¹⁴ Bertha Lutz foi uma bióloga brasileira especializada em anfíbios, pesquisadora do Museu Nacional. Foi uma das figuras mais significativas do feminismo e da educação no Brasil do século XX. Bertha foi a principal autora da publicação *Lutz' RapidsFrog*.

desde o século XIX. Grandes são os desafios das mulheres na luta pela conquista de direitos e reconhecimento e o movimento feminista precisam continuar atuantes para a garantia e ampliação de novos direitos.

Com base nesses desafios o programa “*Amor e Sexo*” exibido pela TV Globo, deu destaque a expressão das mulheres, e permitiu que o tema ganhasse visibilidade.

Segundo o site Sobre TV (2017), o programa teve 15.9 de audiência, o mesmo explica que os dados são consolidados e refletem a preferência de um seleto grupo de telespectadores da Grande São Paulo. Cada ponto no Ibope equivale a cerca de 70,5 mil domicílios.

De acordo com Solnit (2017, p. 30), “ter voz é fundamental. Os direitos humanos não se resumem a isso, mas isso é essencial para eles, e assim podemos considerar a história dos direitos e a falta dos direitos das mulheres como uma história do silêncio e do rompimento do silêncio”.

Se está longe dessa igualdade, são muitos os aspectos negativos em relação a igualdade de gênero, a diferença é que hoje as mulheres lutam para ter voz e estarem em evidência para que possam alcançar seus objetivos.

3.3 Prática de empoderamento

Para Sarderberg, (2010, p. 39), "desenvolver políticas, programas e projetos que trabalhem, de fato com a perspectiva da equidade de gênero e do empoderamento de mulheres não tem sido uma tarefa fácil".

No programa “*Amor e Sexo*” a ex modelo e apresentadora Fernanda Lima se dirige à roteirista Antônia Peregrino com a pergunta, “O que empoderar mulheres tem a ver com o desenvolvimento social?” (REDE ..., 2017) Antônia Peregrino responde que diminui a desigualdade, então quando você empodera mulheres, você tem uma sociedade mais justa, uma sociedade menos desigual, essa é uma luta de todas as minorias pra que diferença não seja desigualdade.

Segundo Batliwala (1993, p. 127),

o empoderamento sob pensamento feminista se articula com as noções da ‘Pedagogia do Oprimido’, de Paulo Freire e bebe também da fonte de Gramsci, no sentido da importância de mecanismos de participação social que contribui para construção de democracias mais igualitárias.

Para lutar por direito é preciso saber quais são seus direitos, e esse é o diferencial que atualmente faz do feminismo uma luta mais forte e objetiva. Hoje mulheres tem oportunidade de estudo e se qualificam da mesma forma que os homens e por isso não aceitam diferenças como as de salário por exemplo.

3.4 Conceito de entretenimento

A autora, professora e doutora em ciência da comunicação Fabia Angélica Dejavite (2007, p. 12) acredita que “há dois conceitos para o entretenimento. No primeiro ela diz que entretenimento é tudo aquilo que diverte ou distrai o indivíduo e a outra é qualquer exercício que distraia ou divirta, para ela o entretenimento remete a antiseriedade”.

A escritora Ana Lucia Santana (2017) defende que entretenimento é uma forma de recrear ou divertir as pessoas quando se encontram desviadas de suas preocupações cotidianas, e que nos bastidores há sempre determinados setores lucrando com a diversão.

Foram apresentados no programa, danças, músicas e performances para posteriormente levantar debates como: mulher ter voz ativa na sociedade, que mulher pode ser independente, pode usar e fazer o que quiser da vida sem que seja discriminada pelo fato de ser mulher.

Figura 3 – Fernanda Lima com as bailarinas



Fonte: ASTUTO, 2017.¹⁵

¹⁵ Disponível em: <<http://epoca.globo.com/sociedade/bruno-astuto/noticia/2017/01/de-volta-amor-sexo-fernanda-lima-se>>

3.5 Feminismos na televisão

O sexo feminino tem sido subjugado e sofrido ao ser enquadrado nas condições de sexo frágil, ser sexual, incapaz de ser independente e escravas de seus senhores (maridos) e famílias.

A sociedade patriarcal brasileira se fundamentou no machismo e sexismo, construindo paralelamente duas imagens de mulher associadas ou como ‘objetos sexuais’ – erotizadas e sensuais ou como “esposas submissas- dedicadas aos seus maridos (COBRA, 2002, p.16).

É comum vê-las sexualizadas na televisão brasileira como forma de ganhar audiência. Programas destacam mulheres com roupas curtas, sensuais e transparente, dançando de forma sensual.

O sexo feminino na televisão é sinônimo de audiência, é como se os veículos fizessem uma troca com o telespectador, troca moças seminuas por audiência, e como ainda vivemos em uma sociedade machista a troca é aceita. Em alguns programas ficam de biquíni ou até nuas como no “*Pânico na Band*” veiculado pela Rede Bandeirantes aos domingos, que atualmente fez um quadro em que suas integrantes ficam nuas em uma ilha deserta com seus corpos expostos com a finalidade de atrair o público.

Em programas de auditório (geralmente com apresentadores homens) é como se fosse regra tê-las dançando e sendo mostradas de forma sexual e submissão, não falam nada, só estão ali para mostrar corpos perfeitos (segundo os padrões impostos pela sociedade) com uma única finalidade, atrair o telespectador e consequentemente aumentar a audiência.

Não se vê o sexo feminino comandando um programa televisivo com frequência, no máximo uma em cada emissora. Ou então sendo ancora de um telejornal, que na maioria das vezes que estão em bancadas são acompanhadas por homens.

As coisas vêm mudando lentamente, mas ainda se nota que o feminismo não é frequente na televisão brasileira. Nos deparamos diariamente com o machismo televisivo, podemos citar como exemplo duas situações “comuns”, a primeira é quando em notícia de estupro ouvimos frase como: ela foi atacada ao caminhar sozinha pela rua, ou então, é uma mulher bonita que chama atenção.

A segunda pode citar crimes de feminicídios que ao serem noticiados acompanham frases do tipo: movido pela paixão matou sua companheira ou que ao cometer o crime o

assassino foi motivado pelo ciúme, um caso muito conhecido de feminicídio foi o da Eloá, que seu ex-namorado a fez refém por dias e depois a matou. Pudemos ouvir em jornais e programas que seu ex-namorado era um rapaz bom, trabalhador e estava tomado de amor ao ter tal atitude, então esse é um exemplo claro que a televisão ainda não está adaptada ao feminismo.

A televisão é o veículo de comunicação de massa de maior audiência em nosso país. É através dela que as pessoas tem contato com realidades diferentes das suas, reais ou imaginárias. Os programas televisivos servem para entretenimento, informar, entre outras finalidades.

A televisão foi analisada como forma cultural, constituída na história imbricada às transformações das sociedades ocidentais, e o entretenimento foi reconhecido como categoria de produção televisiva que expressa sentidos em disputa na materialidade social, sem estabelecer antecipadamente, valor superior à racionalidade e inferior à emoção, ao prazer, à diversão e ao lazer.

A estrutura híbrida e de multilinguagens das apresentações de rua permanece na indústria cultural contemporânea em uma ampla diversidade de produções da televisão, cuja vocação central é o entretenimento, que de modo antecipado, tende a ser depreciado e desqualificado, desconsiderando os embates simbólicos que têm lugar nas produções culturais.

Sob esta abordagem, a televisão e o entretenimento são percebidos como parte da estratégia para alienar ou desviar o telespectador de assuntos e questões serias da sociedade ocidental e capitalista.

A televisão se por um lado, democratizou as informações, por outro criou padrões, imagens e conceitos difíceis de alcançar ou mesmo inatingíveis. No que se refere ao padrão linguístico televisivo, pode-se observar um tratamento diferenciado em relação a norma linguística utilizada, esta varia dependendo do estilo do programa e da imagem que a emissora pretende repassar.

Como por exemplo, o caminho para uma boa representação feminina na televisão está começando a ser trilhado nomes como Marília Gabriela, Fernanda Lima, Karol Conka, Gabi Amarantos e Taís Araújo que representam essa mudança. Como a mulher é representada na televisão? Essa é uma pergunta que gera diversas respostas. Há ainda muita objetificação, não tem como negar. O nu feminino é bem mais constante nas produções e também são as

mulheres que aparecem rebolando em programas como Pânico na Band e Domingão do Faustão. Atualmente folhetins como Malhação e A lei do Amor costumam a perpetuar dramas sofridos pelas mulheres no dia a dia como se fossem normais, como ter que lidar com ciúmes excessivos de um namorado ou serem vítimas de violência doméstica.

Apesar de todos esses problemas ainda existentes na televisão brasileira em relação às mulheres, é preciso também enxergar as mudanças nesses últimos 30 anos, por exemplo a Rede Globo lançou o primeiro programa que revolucionária o enfoque sobre o feminino na televisão, a atração Tv Mulher que ganhou novos episódios no VIVA sob o comando de Marília Gabriela. Ela sempre se destacou por sua boa e inteligente condução nas entrevistas com os convidados.

Mas é preciso mais do que apenas ver as mudanças, celebrá-las. O que Fernanda Lima vem fazendo no “*Amor e Sexo*”, na Globo, é bastante louvável. A apresentadora tem dado espaço para as mulheres desde o primeiro episódio da nova temporada, discutindo feminismo e dando voz. Claro que ainda há falhas, ou seja, ainda há muito o que aprender na hora de representar todos os tipos de mulheres.

Para Arlindo Machado (2000), televisão é o meio mais importante de comunicação e o mais importante meio de expressão da segunda metade do século XX em diante e se tornou o principal veículo de mais importância na sociedade, porém ele ressalta ainda a dificuldade que a televisão tem para adaptar-se à “era digital”, construindo seu pensamento em torno das mudanças que ocorrerão com as novas tecnologias.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Foi analisado de forma específica uma edição do programa “*Amor e Sexo*” do dia 26 de janeiro de 2017. Comandado pela apresentadora Fernanda Lima a décima temporada teve aproximadamente 45 minutos de duração, com quadros inéditos e continuou levantando temas de sexualidade através do entretenimento. As dúvidas e questões que surgiram foram esclarecidas pela pesquisadora, Djamila Ribeiro¹⁶.

Como convidados especiais estavam as cantoras Gaby Amarantos e Carol Koncá, a

¹⁶ Djamila Taís Ribeiro dos Santos é uma feminista e acadêmica brasileira. É pesquisadora e mestre em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Tornou-se conhecida no país por seu ativismo na internet em 2016 foi nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo durante a gestão do prefeito Fernando Haddad (PT).

pesquisadora Djamila Ribeiro, e os participantes da bancada fixa do programa que são o estilista Dudu Bertolini, o ator e apresentador Otaviano Costa, o ator José Loreto e a roteirista Antônia Pelegrino que responderam a várias perguntas feitas pela apresentadora em relação ao tema proposto no programa que foi o feminismo.

Figura 4 – Fernanda Lima com a bancada fixa de jurados



Fonte: DEZAN, 2017¹⁷.

Como nas temporadas anteriores o programa foi temático e trouxe convidados anônimos para participarem das dinâmicas no palco. O assunto da noite foi o feminismo e por meio de debates os convidados se expressavam e se posicionavam sobre o assunto.

*Piranha (Alipio Martins)*¹⁸

Piranha é um peixe voraz
De São Francisco
Não, perdão
Rio São Francisco
Não, Não! Perdão
Amazonas

¹⁷ Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2017/01/amor-sexo-fernanda-lima-diz-que-publico-pede-seus-conselhos-sexuais.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/alipio-martins/piranha/>>. Acesso em: 10 out. 2017. Site de músicas.

Nosso grande rio Amazonas

Diabo que carregue quem disser que não é
Piranha é um nome de um peixe, juro que é
Eu não tocara um violão
Nem faria uma canção
Para um peixe qualquer...

A décima temporada do programa inicia com a música “piranha” do compositor Alípio Martins, cantada pela apresentadora Fernanda Lima e pelas cantoras Gaby Amarantos e Carol Konca. Como o tema abordado era o feminismo um grupo de mulheres anônimas e bailarinas vestidas com trajes brilhosos e sensuais cantavam e faziam performances com uma simbólica “queima de sutiãs” ao som da música “piranha” e discorriam com frases de liberdade. A mensagem passada aos telespectadores é de que “piranha” é um peixe e não um pronome que possa ser usado para se referir a uma mulher.

Logo na abertura a apresentado descreve como objetivo do programa esclarecer conceitos, limpar rótulos, e gritar que a luta pela igualdade de direitos desde a simbólica queima de sutiãs segue firme e forte.

Desde a década de 60 o feminismo se alastra para diversos países, e no Brasil a luta contra todas as formas de opressão sobre as mulheres e por igualdade de gênero continua. Hoje já existem leis que amparam as mulheres, a diferença é notória, mas não suficiente, e a principal causa dessa dificuldade em mudar leis e tornar tudo mais igualitário e a falta da presença feminina no congresso.

Ainda durante o programa, Fernanda Lima pergunta para Djamilia se as coisas estão mudando e ela afirma que sim, que mudaram muito por conta do movimento feminista, mas que ainda precisa avançar muito, acha que a partir do momento que as pessoas olharem para ela e sentirem no direito de tocar em seu corpo, na rua ou em algum lugar, ou as pessoas não acreditam que ela é secretária adjunta de direitos humanos por exemplo, significa que isso precisa mudar muito ainda.

É possível observar nesta resposta conexões com pensamentos da pesquisadora Flávia Biroli (2014, p. 43) que diz,

Um aspecto importante nessa discussão é que a ausência da ação direta do

Estado em prol de relações mais justas e menos opressivas não significa ausência de regulação. O que existe sem essa ação não é a geração e reprodução espontânea das famílias e da intimidade. A família e as formas assumidas pela vida afetiva e pela intimidade são produtos sociais não apenas porque variam no tempo, de acordo com valores, práticas culturais e formas de organização da vida material, são também institucionalmente moldadas.

A falta da representação feminina na política afeta diretamente a aprovação de leis e políticas públicas para as mulheres. Segundo Luciana Ramos (PELLEGRINI, 2015), pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV), além de integrante da equipe do Índice de Confiança na Justiça (ICJ Brasil) cria barreiras para a descriminalização do aborto, o aumento da licença paternidade e o fomento à construção de creches.

Tabela 1 – Tabela de representatividade da mulher na Política



Fonte: A CRÍTICA (2016)¹⁹.

Fernanda Lima volta a falar com Djamila e pergunta o que acontece quando o poder legislativo dominado por homens decide sobre os direitos das mulheres e ela responde que

¹⁹ Disponível em: <<http://www.acritica.net/noticias/empoderamento-feminino-e-a-palavra-da-vez-no-senado/162979/>>. Acesso em: 02 out. 2017.

dificuldade de pautar políticas públicas importantes para as mulheres, e que quando a gente fala de mulheres negras a situação é ainda pior, em questão salarial a mulher negra ganha até 70% menos, afirma que há necessidade um debate sério no Brasil sobre reforma política se não serão sempre os mesmos decidindo os destinos das mulheres (REDE ..., 2017).

A pesquisadora Djamila (REDE ..., 2017), afirma que a reforma política poderá aumentar o número de mulheres no parlamento, enquanto que para Pinto (1994) este tipo de ação política não passa pela representação.

A presença constante das feministas no cenário da Constituinte e a consequente ‘conversão’ da bancada feminina apontam para as formas de participação distintas da exercida pelo voto, formas estas que não podem ser ignoradas e que talvez constituam a forma acessível de participação política das feministas. Este tipo de ação política, própria dos movimentos sociais, não passa pela representação. Constitui-se em pressão organizada, tem tido retorno significativos em momentos de mobilização e pode ser entendida como uma resposta à falência do sistema partidário como espaço da participação (PINTO, 1994, p. 265).

Fernanda Lima pergunta a Regina por que a sociedade machista ataca sempre a sexualidade da mulher e ela ressalta que a sexualidade da mulher sempre foi muito ameaçadora, e durante séculos diziam que a mulher era insaciável, perigosa, tinha que ficar trancada e depois dividiram entre mulheres fáceis e mulheres pra casar, então as mulheres que gostam de sexo, que consideram o sexo uma coisa normal, boa, desejável, ameaçam e por isso são discriminadas.

[...] tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais, já que o gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja, um campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas. Nesta linha de raciocínio o corpo de uma mulher, por exemplo, é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo, é insuficiente para defini-la como mulher. Esta definição só se processa através da atividade desta mulher na sociedade. Isto equivale a dizer, para enfatizar, que o gênero se constrói – expressa através das relações sociais (PINTO, 1994, p. 190).

São 50 mil mulheres agredidas sexualmente a cada ano e a representante da ONU Mulheres no Brasil, Nadine Gasman (JANSEN, 2016, não paginado), afirma que o número revela “uma sociedade muito machista, muito violenta, que assedia e estupra as mulheres”. Segundo ela, o país tem boas leis, mas elas não são colocadas em prática com a força necessária. O país está à frente de muitos outros e os números são muito fortes, afirma em entrevista à BBC.

A escritora Regina Lins em entrevista para Fernanda Lima, responde: Por que a sociedade machista ataca sempre a sexualidade da mulher? R: a sexualidade da mulher sempre foi muito ameaçadora, durante séculos diziam que a mulher era insaciável, perigosa, tinha que ficar trancada e dividiram entre mulheres fáceis e mulheres pra casar, então as mulheres que gostam de sexo, que consideram o sexo uma coisa normal, boa, desejável, ameaçam e por isso são discriminadas.

Regina Lins, quando questionada pela apresentadora sobre a sociedade machista atacar a sexualidade da mulher, afirma que durante séculos o comportamento da mulher era o motivo de discriminação.

Enquanto para Butler, (1990),

a representação se constrói por meios de mecanismos de exclusão, através dos quais se ‘deixa de fora’ todos os que não conseguem satisfazer certos requisitos normativos não-expressos. Por tanto, para ela as mulheres, longe de reclamar o ingresso na categoria de sujeito ou de cidadão - como queria Beauvoir -, devem quebrar, desbordar, desconhecer, transgredir os próprios critérios da regulação política e da representação (BUTLER, 1990, p. 6).

Figura 5 – Fernanda Lima com a Cantora Elza Soares



Fonte: FERREIRA, 2017²⁰.

Na reta final do programa Fernanda Lima apresenta sua homenageada Elza Soares se

²⁰ Disponível em: <<https://geekpublicitario.com.br/17953/amor-e-sexo-estreia-feminismo/>>. Acesso em: 10 out. 2017

referindo da seguinte forma: Ela nasceu negra, pobre, foi criada na favela, casou sem querer casar aos 12 anos, pariu aos 13, pariu aos 14, aos 15 perdeu o segundo filho dos quatro que perderia ao longo da vida, ficou viúva pela primeira vez aos 21, dona de uma voz inacreditável, foi lavadeira e operaria, foi também madrinha da seleção brasileira quando cantou com o ídolo Louis Armstrong, em 2000 foi considerada a melhor cantora do milênio pela rádio BBC com o disco do “Cócix até o pescoço”, do seu cocix até o seu pescoço a sua espinha de guerreira carrega 16 pinos. Amou muito e foi condenada em praça pública como a “destruidora de lares”, negra, assanhada e de mini saia, é bela e nunca recatada, é do lar e da rua, é de Vila vintém, é do mundo, ela sempre foi de onde quis ser. Aos 20, aos 30, aos 50, aos 60 e vamos parar por aqui, porque Elza não envelhece, Elza se apura. A nossa homenagem da noite é com ela.

Elza soares mostra seu posicionamento em relação a perguntas feitas pela apresentadora e posteriormente Fernanda Lima passa dados de estatísticas de violências contra a mulher e o programa termina com coreografia ao som da música “Piranha”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho analisou o feminismo tratado em um programa de entretenimento exibido em uma emissora de massa. O objeto de estudo foi o programa “*Amor e Sexo*” exibido no dia 26 de janeiro de 2017, apresentado pela modelo Fernanda Lima que teve como convidados especiais as cantoras Carol Koncá e Gabi Amarantos e Djamila Ribeiro. Ao final foi feita uma homenagem à cantora Elza Soares por ser uma mulher que virou símbolo de luta pelas causas relacionadas ao feminismo.

Fizemos a análise do programa a partir da metodologia análise do conteúdo, por essa metodologia foi possível verificar de que forma um programa destinado ao entretenimento pode contribuir com o feminismo, a linguagem usada no programa, posicionamento da apresentadora, bancada fixa e convidados sobre o assunto. Se o tema foi abordado pelos homens que estavam presentes, e de que forma foi debatido em mídia de massa.

Concluiu-se que o programa deu visibilidade para a luta das feministas. Por ser um programa de canal aberto que atinge território nacional e internacional através de outros meios de comunicação. Levantaram problemas presentes na sociedade e de certa forma encorajavam

mulheres que sofrem violência doméstica denunciarem seus parceiros, encorajavam mulheres a lutar por aquilo que desejam no mercado de trabalho e tornaram público alguns assuntos que até hoje são tabus na sociedade como a hipersexualização da mulher negra, sexo consciente por parte das mulheres, orgasmo feminino, entre outros.

Passaram dados oficiais de crimes cometidos contra mulher e números para que as mulheres possam fazer suas denúncias. As feministas lutam por essa causa diariamente, mas não tem o alcance nem a repercussão gigantesca que o programa alcançou, podendo assim ajudar a propagar as causas de lutas e tentativas de solução.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Ngozi Chimamanda. **Sejamos todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ASTUTO, Bruno. De volta a Amor e sexo, Fernanda Lima se vê às voltas com perguntas dos filhos: “eles vão para a escola e voltam com todas as piadinhas”, diz ela, que fala abertamente sobre o tema com os filhos. **Época**, São Paulo, 16 jan. 2017.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luiz Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002. (Trabalho original publicado em 1977).

BATLIWALA, Srilatha. The meaning of women`s empowerment: new concepts from action. In: SEN, G., GERMAIN, A.; Chen, L. C. (Eds.), **Population policies reconsidered: health, empowerment and rights**. Boston: Harvard University Press, 1993. p. 127-138. Disponível em: <www.repositorio.ufba.br>. Acesso em: 05 out. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3. ed. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 3. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.

BIROLI, Flávia. **Família: novos conceitos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

BUTLER, Judith. Sexo e gênero em EL segundo sexo de Simone Beauvoir. **Mora**, v. 4, 1990.

CASTELLS, Manoel. **O poder da identidade**: A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

COBRA, Marcos. **Sexo e marketing**. São Paulo: Cobra, 2002.

DINES, A. Mídia, civilidade, civismo. In: J. Lerner, J. (Org.). **O preconceito**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado. 1996/1997. p. 36-46.

FARGANIS, Sandra. O feminismo e reconstrução da ciência social. In: JAGGAR, Alisson M; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 224-240.

JANSEN, Roberta. Sociedade machista e violenta ‘estupra as mulheres’, afirma representante da ONU. **BBC Brasil**, Rio de Janeiro, 29 maio 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36403704>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

PEDRO, Claudia Bragança. As conquistas dos movimentos feminista como expressão do protagonista social das mulheres. In: SIMPÓSIO SOBRE ESTUDO DE GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 1., jun. 2010, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/gpp/pages/arquivos/1.ClaudiaBraganca.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2017.

PELLEGRINI, Marcelo. Sub-representação feminina no Congresso afeta direitos sociais da mulher: para pesquisadora da USP, o baixo interesse de partidos e empresas em financiar candidatas mulheres impede a maior representação feminina na política. **Carta Capital**, São Paulo, 16 jun. 2015. Política

PINTO, Celi Jardim. Participação (representação?) – Política da mulher no Brasil: limites e perspectivas. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B.; MUNOZ-VARGAS, Mônica (Orgs.). **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: UNICEF, 1994.

REDE GLOBO DE TELEVISÃO. Amor e sexo. **Simbólica queima de sutiãs**. Rio de Janeiro: Globo play, 26 jan. 2017. Aplicativo para smartphone.

SAFFIOTI, Heleieth. O segundo sexo á luz as teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, Alda Brito da; SANDENBERG, Cecilia; GOMES, Marcia (Orgs.). **Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas**. Salvador: NEIM/UFBA, 2000.

SANTANA, Ana Lucia. Entretenimento. **InfoEscola – navegando e aprendendo**. Cultura e sociologia. [2017?]. não paginado. Disponível em: <https://www.Google.com.br/amp/www.infoescola.com/sociologia/entretenimento/am_p>. Acesso em: 05 out. 2017.

SOBRE TV. **Consolidados de quinta-feira, 26/01/2017**: audiências e Média-Dia. 2017. Disponível em: <<http://sobretv.com.br/consolidados-de-quinta-feira-26012017/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

SOLNIT, Rebecca. **A mãe de todas as perguntas**: reflexões sobre os novos feminismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

APÊNDICE A – “*Amor e Sexo*” no dia 26 de janeiro de 2017.

Frases abordadas no programa.

- Pelo prazer de ser uma mulher homossexual
- Eu sou mulher e meu lugar é onde eu quiser.
- Se estiver nua ou vestida, você só me toca se eu quiser e na hora que eu quiser.
- A minha roupa não é um convite pra você.
- Não sou obrigada a usar sutiã.
- Pelo direito de ser gostosa.
- Mulher preta não é só sexo.
- Não preciso usar 36.
- Meu nome não é psiu.
- Se eu quiser, dou na primeira vez.

Falas da apresentadora Fernanda Lima:

- O programa acredita na igualdade entre homens e mulheres, pra quem ainda não sabe isso é o feminismo, simples assim.
- Quando se fala de mulher é necessário se fazer uma pergunta de qual mulher está se falando, enquanto a mulher branca luta pra garantir sua liberação sexual a mulher negra luta contra a hipersexualização do seu corpo.
- O ministério da saúde desde 2013 distribui a pílula do dia seguinte gratuitamente nos postos de saúde sem necessidade de receita, é em recurso emergência para evitar uma gravidez indesejada, mas que tem causado certa polemica.
- Para que a sociedade avance é preciso empoderar as minorias, as minorias são mulheres, negros, LGBT’S, e pobres, e o conceito de minorias para fica bem claro, não é quantitativo é político.

- A violência contra mulher é uma questão de saúde e alcançou números que podem ser comparados a uma epidemia.

Perguntas feitas pela apresentadora aos convidados.

- Por que a sociedade machista ataca sempre a sexualidade da mulher?

R: a sexualidade da mulher sempre foi muito ameaçadora, durante séculos diziam que a mulher era insaciável, perigosa, tinha que ficar trancada e depois e dividiram entre mulheres fáceis e mulheres pra casar, então as mulheres que gostam de sexo, que consideram o sexo uma coisa normal, boa, desejável, ameaçam e por isso são discriminadas. (Regina).

- Ser piranha é?

R: é dar na segunda noite, mulher legal dá de primeira, não que ela não queira, ela faz o joguinho do patriarcal, joguinho que você tem que se valorizar não transando de primeira. (Antônia peregrina).

- Dentro dessa representatividade, ser piranha é?

R: a mulher precisa ter direito ao que fazer com o corpo, como a gente é hipersexualizada, para nós mulheres negras em determinados momentos, preferimos não mostrar o corpo, mas eu acho q essa imposição não pode impedir o exercício da nossa sexualidade, inclusive mostrar nosso corpo desde que seja uma escolha. (Djamila).

- Você acha que as coisas estão mudando?

R: eu acho que mudaram muito por conta do movimento feminista, mas precisamos avançar muito, acho que a partir do momento que as pessoas olharem para mim e sentirem no direito de tocar em meu corpo, na rua ou em algum lugar, as pessoas não acreditam que sou secretária adjunta de direitos humanos por exemplo, significa que isso precisa mudar muito ainda. (Djamila)

- Se alguém te chamasse de piranha qual seria a tua resposta?



R: eu ia falar piranha não, piranhuda, piranha tombadora. (Karol Koncá)

- O que acontece quando o poder legislativo dominado por homens decide sobre os direitos das mulheres?

R: dificuldade de pautar políticas públicas importantes para as mulheres, quando a gente fala de mulheres negras a situação é ainda pior, em questão salarial a mulher negra ganha até 70% menos, a gente precisa mesmo de um debate sério no Brasil sobre reforma política se não serão sempre os mesmos decidindo nossos destinos. (Djamila)

- Porque a polemica?

R: o grande problema foi um pouco a banalização disso, exatamente o fato de se usar como contracepção e não como contracepção de emergência, e ao mesmo tempo, ela não te protege contra doença sexualmente transmissível de forma alguma, e ai passa um grande problema, é exatamente o fato de as meninas não se protegerem, o risco de contrair doença sexualmente transmissível, a gente está falando do HIV, HPV da possibilidade do câncer de útero, ela não é um abortivo. (DR Viviane).

- O que o empoderamento tem haver com o desenvolvimento social?

R: o empoderamento diminui a desigualdade, então quando você empodera mulheres você tem uma sociedade mais justa, menos desigual, e essa é uma luta de todas as minorias, para que a diferença não seja desigualdade. (Antonia).

Ao longo do programa Fernanda Lima e seus convidados fazem debates e mostram ao público que “piranha” é uma mulher livre, faz tudo que tem vontade, é a mulher que vive sem culpa por suas atitudes, é aquela que não é recatada e do lar a não ser que essa seja sua vontade, é a mulher que sabe que sexo é vontade e não obrigação.

Posicionamento dos convidados.

- Eu acho que a escolha é o que é importante, se você quer ser piranha, o se você quer ser a bela, recatada e do lar, o importante é ser feliz. (Gabi Amarantos).
- A marcha das vadias surgiu após uma palestra no Canadá para dar dicas de segurança às



mulheres e uma das dicas era pra que as mulheres evitassem se vestir como vadias.

Dados passados pela apresentadora.

- A cada quatro minutos uma mulher de entrada no SUS vítima de violência.
- Seis em cada dez brasileiros dizem conhecer uma mulher que tenha sido vítima de violência doméstica.
- A cada onze minutos uma mulher é estuprada no Brasil.
- Treze mulheres são assassinadas por dia no Brasil.
- 26% das mulheres que já sofreram algum tipo de violência ainda convivem com o agressor.
- 37% dos Brasileiros acham que mulheres que se dão ao respeito não são estupradas.
- O homicídio de mulheres negra aumentou 54% em dez anos.
- 70% dos casos de estupro são cometidos por pessoas que a vítima conhece.
- 85% das mulheres brasileiras tem medo de sofrer violência sexual

O Brasil está entre os cinco países que mais se comete violência contra mulher. Na reta final do programa Fernanda Lima apresenta sua homenageada Elza Soares com um texto que conta sua história, logo em seguida faz umas perguntas pra que Elza Soares responda.